

# REALIS

Revista de Estudos  
AntiUtilitaristas e PosColoniais

## ENTREVISTA

### OS CAMINHOS DO DECRESCIMENTO:

ENTREVISTA COM GIORGOS KALLIS<sup>1</sup>, UM DOS PRINCIPAIS PENSADORES DO  
DECRESCIMENTO DA ATUALIDADE E AUTOR DO LIVRO “IN DEFENSE OF DEGROWTH”<sup>2</sup>

Márcio Lino de Almeida<sup>3</sup> - Entrevistador

**Márcio Lino:** Um dos motes do decrescimento é “sair da economia”. Podemos facilmente imaginar como fazer isso em pequena escala, no nível familiar, através de cooperativas de produção e consumo de alimentos, por exemplo. Contudo, como é possível escapar das produções de grande escala e de grandes cadeias de abastecimento, como no caso das commodities (minerais, grãos, fibras, energia, etc.) e das indústrias de bens de consumo? Por exemplo: ao comprar uma roupa feita pela costureira da minha vizinhança eu apoio o comércio familiar local, mas não fujo da grande indústria da fibra.

**Giorgos Kallis:** Não precisamos fugir, mas sim socializar essas grandes cadeias de produção e garantir que elas atendam às necessidades básicas, e não supérfluas. Isso exigiria um processo organizado do Estado assumindo o controle e regulando a produção de commodities, garantindo que as necessidades básicas sejam atendidas enquanto a energia total e o fluxo de recursos pela economia sejam drasticamente reduzidos.

---

<sup>1</sup> Giorgos Kallis é um economista ecológico e ecologista político que trabalha com justiça ambiental e limites para o crescimento. Bacharel em química e mestre em Engenharia Ambiental pelo Imperial College, Doutorado em Política Ambiental - University of the Aegean e um segundo mestrado em Economia pela Barcelona Graduate School of Economics. Atualmente é Professor do ICREA (Institución Catalana de Investigación y Estudios Avanzados) e Professor da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB) em Ciências Sociais e Comportamentais. <https://orcid.org/0000-0003-0688-9552>

<sup>2</sup> Enviado em: 19 Out. 2020. | Aceito em: 30 Jan. 2021

<sup>3</sup> Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), ênfase em economia verde e decrescimento. [m.linodealmeida@gmail.com](mailto:m.linodealmeida@gmail.com) | <http://orcid.org/0000-0001-5845-5604>

**Márcio Lino:** Pensando em utopias, você vê alguma possibilidade de surgimento de um ecomodernismo "suficientista", não pautado no crescimento econômico? Por exemplo, um ecomodernismo que defenda a substituição de fontes de energia suja por fontes limpas (solar, eólica, nuclear), mas apenas o suficiente para manter a escala econômica atual, conscientemente optando por não aumentar a oferta líquida de energia.

**Giorgos Kallis:** Sim, estou aberto a isso. Em nosso novo livro "The Case for Degrowth", um "New Deal Verde" (*green new deal*) é um componente central do pacote de cinco medidas que propomos. Implantar tecnologias existentes e desenvolver inovações é importante, mas com mentalidade e direção predominantemente decrescentistas, orientadas para produzir e consumir menos, não mais.

**Márcio Lino:** Os pobres do mundo precisam de mais bens e serviços. Dadas as restrições ao aumento da eficiência tecnológica (paradoxo de Jévens), você acredita que é possível tirar milhões de pessoas da pobreza com base apenas na redistribuição do consumo dos afortunados para os pobres?

**Giorgos Kallis:** Sim, acredito que seja possível. Há um artigo recente de Julian Steinberger e colegas, publicado na *Global Environmental Change*, que mostra que podemos garantir uma quantidade decente de energia para todos neste planeta e permanecer dentro dos limites planetários.

**Márcio Lino:** Existe alguma possibilidade de que um sistema de desenvolvimento tecnológico descentralizado e em pequena escala consiga lidar com as necessidades globais de energia, alimentos e bens de consumo, mesmo em uma sociedade de decrescimento de quase oito bilhões de pessoas?

**Giorgos Kallis:** Não há nenhuma possibilidade do mundo mudar totalmente de uma coisa para outra. A proposta do decrescimento não é desmontar repentinamente todos os sistemas que temos e substituí-los por sistemas descentralizados e de pequena escala de, digamos, agricultura ou tecnologias. Estamos falando de tendências e direções. E eu acho que é possível alimentar e fornecer energia de forma decente a oito bilhões de pessoas com sistemas menos centralizados e mais adaptados às necessidades humanas do que ao lucro, em comparação com os sistemas existentes.

**Márcio Lino:** Como lidar com questões globais, como mudanças climáticas e desigualdade entre países, a partir de organizações locais e de pequena escala? Qual é a posição do decrescimento em relação às esferas nacional e internacional?

**Giorgos Kallis:** Não sei por que você insiste em organizações locais e de pequena escala, essa não é a minha versão de decrescimento. Você pode ler sobre meu posicionamento no livro “Degrowth”, de 2018. Acho que a cooperação internacional entre os Estados para lidar com as mudanças climáticas é vital. Não é fácil. E não é fácil para um único país seguir o caminho do decrescimento em uma economia globalizada, onde o capital fugiria no dia seguinte causando uma recessão. É por isso que em meu trabalho argumento que o crescimento antieconômico é um problema de ação coletiva global, sem solução fácil.

É assim que eu coloquei em um ensaio para a *Great Transition Initiative* que está incluído no livro “In Defense of Degrowth”:

“Da mesma forma, o envolvimento com a governança em escala global está amplamente ausente das discussões dentro do movimento de decrescimento. Isso é curioso, dada a centralidade de questões como mudança climática, livre comércio e competição global implacável. Muitos defensores do decrescimento parecem presumir que a imposição de limites ao comércio e ao capital em nível nacional libertarão um país das forças econômicas globais, ou que uma mudança global generalizada ocorrerá como o efeito agregado de iniciativas locais de base (*grassroot*). No entanto, tais desenvolvimentos permanecem improváveis. A mudança climática, por exemplo, não pode ser enfrentada apenas pela soma de várias iniciativas locais de baixo carbono na ausência de acordos internacionais que limitem as emissões de gases de efeito estufa.

Sob o regime neoliberal prevalecente, a interdependência global torna impossível para um país empreender uma transição para o decrescimento por conta própria. Fazer isso implicaria em penalidades substanciais por fuga de capitais, colapso de bancos e moedas, desvalorizações de ativos, colapso de instituições públicas e de segurança e isolamento político. Isso prejudicaria a capacidade de uma nação de buscar um decrescimento virtuoso por conta própria. Da mesma forma, se um único país ou bloco de países conseguisse reduzir a escala de suas economias, provavelmente ocorreria uma redução global dos preços dos recursos, produzindo um aumento no consumo em algum outro lugar do globo. Em certo sentido, então, escapar do crescimento é um problema de ação coletiva global. Para ter sucesso, a transição para o decrescimento deve ser global.”

**Márcio Lino:** Você fala em seu livro "In Defense of Degrowth" da importância da transformação institucional concomitante à cultural. Portanto, o pensamento decrescentista deve colonizar a política formal. Nesse esforço, os defensores do decrescimento devem negociar com as elites e as estruturas de poder estabelecidas que controlam o sistema de produção atual. Há espaço na teoria do decrescimento para fazer tal negociação? Você acha que é possível emergir uma sociedade de decrescimento governada pela elite?

**Giorgos Kallis:** Eu explico isso em meu novo livro "The Case for Degrowth" usando Barcelona como exemplo. As práticas cotidianas incorporadas liberam espaços e criam novos sentidos comuns - uma cultura de decrescimento, se quiser chamar assim. Aqueles que vivem nesta cultura devem se organizar para vê-la realizada politicamente, de modo a proteger os espaços que liberaram e criar condições estruturais para a liberação de novos espaços. Lá entramos no mundo confuso da política, com todos os seus compromissos e negociações confusas. Essa argumentação não é diferente de qualquer outro projeto político-social.

**Márcio Lino:** Quais são as chances do decrescimento se tornar a corrente sociopolítica dominante? Quais seriam as principais dificuldades para isso? O que é necessário para reduzir essas dificuldades?

**Giorgos Kallis:** O decrescimento não foi criado para ser um discurso dominante, mas sim um discurso alternativo, algo que alimenta uma cultura alternativa que emerge e se torna dominante ao longo do tempo. No momento, as dificuldades para tornar o decrescimento dominante são intransponíveis. Precisamos da cultura em primeiro lugar.

**Márcio Lino:** Você acredita que o crescimento da crise ecológica representa uma ameaça à democracia?

**Giorgos Kallis:** Sim, as nações poderosas fecharão suas fronteiras para manter os despossuídos do lado de fora e dobrarão o uso da violência para continuar explorando pessoas e recursos externos. Isso levará a uma erosão da democracia internacional, mas também à erosão da democracia doméstica com uma mudança para o autoritarismo.

**Márcio Lino:** Quais são as diferenças mais marcantes entre a proposta de decrescimento

e a do Bien Vivir?

**Giorgos Kallis:** Não sei o suficiente sobre Bien Vivir para dizer isso. Existem alguns artigos comparando os dois discursos que eu acho que tentam dar uma resposta a essa pergunta.

**Márcio Lino:** E sobre a proposta de Tim Jackson de prosperidade sem crescimento, quais são as diferenças, se houver?

**Giorgos Kallis:** Não muitas. Talvez nós [do decrescimento] tendamos a ser mais radicais e falar com os movimentos sociais, [enquanto] o Tim quer manter o diálogo aberto com um público mais tradicional e político, o que eu respeito.

Aqui, tivemos uma discussão interessante em que tocamos algumas de nossas diferenças: [https://www.cusp.ac.uk/themes/aetw/blog\\_interview\\_tj\\_gk/](https://www.cusp.ac.uk/themes/aetw/blog_interview_tj_gk/)

Na sua resposta Kallis colou esta conversa dele e de Tim Jackson (autor de Prosperidade sem crescimento) com o doutorando do Instituto de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia da Universidade Autônoma de Barcelona.

**Riccardo Mastini:** O decrescimento evoluiu em parte como uma crítica do raciocínio econômico. Giorgos, você defende o decrescimento radical, enquanto Tim, você se concentra mais em um mundo sem crescimento. Qual é a diferença entre as duas perspectivas?

**Tim Jackson:** Minha ênfase não é tanto em ‘sem crescimento’, mas em ‘prosperidade sem crescimento’. Procuro separar prosperidade e crescimento e dizer que são diferentes. O crescimento econômico pode às vezes ser o meio apropriado para alcançar a prosperidade, mas hoje fomos além disso. O crescimento atingiu limites impostos não por nós, não por Deus, mas pela realidade de um planeta finito e ecossistemas frágeis.

Quando eu estava trabalhando no relatório para a Comissão de Desenvolvimento Sustentável, que acabou se tornando Prosperidade Sem Crescimento, o movimento de decrescimento também estava surgindo com a Primeira Conferência Internacional de Degrowth em Paris em 2008. Eu fui à conferência porque queria uma resposta ao que parece para mim a pergunta mais difícil de todas: como você faz sua economia funcionar quando ela não está mais crescendo? Eu realmente me dei bem com as pessoas na

conferência porque compartilhamos a mesma visão de um mundo que não se baseia em produtivismo, produção ou consumo, mas na qualidade de vida, mundo social e criatividade. Mas uma coisa que não encontrei na conferência foi uma forma estruturada, possivelmente até convencional, de olhar a economia e como ela funciona. Pelo que sei, a visão majoritária dentro da comunidade de decrescimento é que temos que jogar fora a economia porque ela corrompeu nosso imaginário e limitou nosso pensamento por meio da racionalidade institucionalizada.

Embora eu tenha alguma simpatia por essa visão, para fazer qualquer progresso temos que entender e reformar as instituições econômicas existentes. Essa é uma tarefa profundamente econômica e construída. Ela foca em uma bela paisagem em que nos libertamos dos limites do consumismo e do capitalismo, mas na verdade procura construir as estruturas alternativas que nos levarão daqui para lá sem cair na distopia.

**Giorgos Kallis:** O aspecto criativo da comunidade de decrescimento é essa tensão contraditória entre uma crítica radical do raciocínio econômico e, ao mesmo tempo, uma disposição para se envolver com modelos econômicos e propor políticas. Em meu último livro, *Degrowth*, tento fazer as duas coisas. Há muito pensamento utópico sobre como poderia ser um mundo em decrescimento e sobre as falhas do raciocínio econômico, mas também apresentei propostas concretas, como a redução do tempo de trabalho. Estou inspirado aqui por André Gorz, que equilibrou os dois, escrevendo a *Crítica da Razão Econômica*, ao mesmo tempo em que defendia a redução do tempo de trabalho por meio do uso de argumentos econômicos.

Eu estou igualmente bem em usar o termo "sem crescimento" em vez de decrescimento, dependendo do contexto. Quando a *Research & Degrowth* escreveu um artigo apresentando 10 propostas de políticas para as eleições espanholas de 2015, não usamos a frase 'decrescimento', mas falamos em prosperar sem crescimento, embora apresentássemos praticamente as mesmas políticas. Politicamente falando, o primeiro passo é romper com a ideia de que uma agenda política vitoriosa deve incluir o crescimento econômico. 'Prosperidade sem crescimento' ajuda nisso. Mas analiticamente, o termo decrescimento é mais consistente. Se tomarmos a premissa comum da economia ecológica de que a economia é material, então não vejo como podemos sustentar que uma economia ecologicamente sustentável, descarbonizada e que usa menos materiais, também não seria muito menor.

Eu entendo, até certo ponto, a abordagem tática de não usar o termo decrescimento, mas as contas não fecham. Além disso, o que o termo decrescimento faz é mostrar que existe um conflito. Se por 'sem crescimento' entendermos que podemos implementar as políticas certas para a sustentabilidade e apenas esperar para ver o que acontece com o crescimento, então isso não será suficiente. Temos que combater a ideologia do crescimento; não vai desaparecer apenas por ignorá-lo.

**Riccardo Mastini:** Tim, você concorda que de alguma forma o decrescimento é necessário?

**Tim Jackson:** Não sugiro que devamos seguir em direção a uma economia de crescimento zero estável. Nas partes mais pobres do mundo, haverá necessidade de crescimento e isso significa que em outras haverá necessidade de contração. A principal diferença que tenho com parte da comunidade do decrescimento é que, embora eu queira jogar fora a economia baseada no crescimento, não quero jogar fora o pensamento econômico. Tenho alguma simpatia pela crítica que diz que todo o nosso mundo e linguagem foram capturados pela economia, mas não vejo como podemos escapar disso porque enfrentamos o que é essencialmente um desafio econômico.

**Giorgos Kallis:** Não devemos jogar fora a economia, mas existem certas armadilhas no pensamento economicista. Aceitar a ideia ocidental de que certos padrões de desenvolvimento humano são superiores, independentemente do contexto cultural, é um risco. Eu concordaria com Tim que, na Primeira Conferência Internacional de Degrowth em 2008, uma rejeição indiscriminada da economia pode ter prevalecido entre algumas pessoas lá, mas esse não é mais o caso. Nossas conferências agora são muito maiores e mais diversificadas. Algumas pessoas se concentram na modelagem econômica, enquanto outras na filosofia e no discurso. É claro que nem todos concordam uns com os outros - alguns podem pensar que os modelos econômicos estão reproduzindo a forma de pensar dominante, outros que são úteis para pensar de forma prática sobre como administrar sem crescimento. O importante é que a comunidade do decrescimento não está se fechando ou mantendo a economia, ou qualquer outra disciplina, de fora.